

CÁRCEL, JUAN A. ROCHE (EDITOR). LAS SOCIEDADES DIFUSAS: LA CONSTRUCCIÓN/DECONSTRUCCIÓN SOCIOCULTURAL DE FRONTERAS Y MÁRGENES. 336P. BARCELONA: ANTHROPOS EDITORIAL; 1ª EDIÇÃO, 2021.

Carla Michele Rech¹

Ana Paula Ferreira D'Avila²

Arielson Teixeira do Carmo³

Pedro Marchioro⁴

Deparar-se com as margens e com as fronteiras, onde a normalidade aparente das coisas se difunde e a ordem social se desconstrói, construindo formas de vida possíveis dentro de contextos de construção e desconstrução sociocultural. Um mergulho em contextos de difícil determinação, marcados por outras formas de viver e sentir os espaços sociais. É isso que encontramos ao ler “Las sociedades difusas: La construcción/deconstrucción sociocultural de fronteras y márgenes”, obra organizada pelo pesquisador Juan A. Roche Cárcel, que reúne textos escritos por 27 autores, cuja mirada foge ao convencional.

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Professora do IFSul/ Campus Pelotas/RS e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Associativismo, Contestação e Engajamento (GPACE/UFRGS) em estágio de pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Saúde Pública (PPGCol/UFRGS). E-mail: carlatsul@yahoo.com.br

² Pós-doutoranda em Sociologia na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) com período de estágio doutoral no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra. Mestra em Ciências Sociais (UFPel) e Licenciada em Ciências Sociais (UFPel). E-mail: anapaulasocio10@gmail.com

³ Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Graduado no Curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Foi Bolsista voluntário Grupo PET - Programa de Educação Tutorial; Bolsista de Iniciação Científica - PROBIC (UNIFAP). Membro do Centro de Estudos Políticos Religião e Sociedade – CEPRES. E-mail: arielsondocarmo@gmail.com

⁴ Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas e Mestrado em Sociologia também pela UFPel. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Foi doutorando em Sociologia pela Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3, e pesquisador pelo *Institut des hautes études de l'Amérique latine* (IHEAL), em Paris. Entre as suas pesquisas destacam-se as áreas da Sociologia do Trabalho, das Migrações e Identidades. É membro do Núcleo de Estudos do Polo Naval e do Grupo de Pesquisas sobre os Haitianos no Paraná. E-mail: pedro-marchioro@live.com

CÁRCEL, Juan A. Roche (editor). *Las sociedades difusas: La construcción/deconstrucción sociocultural de fronteras y márgenes*. 336p. Barcelona: Anthropos Editorial; 1ª edição, 2021. | Carla Michele Rech, Ana Paula Ferreira D'Avila, Arielson Teixeira do Carmo & Pedro Marchioro

O livro, dividido em três seções que integram dezenove capítulos apresentados ao longo de mais de trezentas páginas, oferece-nos desde perspectivas teóricas sociológicas para a compreensão do fenômeno na contemporaneidade, até a descrição de fenômenos sociais em diferentes partes do globo que tratam sobre este objeto tão instigante e ao mesmo tempo tão indeterminado que são as fronteiras e as margens nas sociedades contemporâneas, sejam elas quais forem, teóricas, sociais, territoriais, culturais, virtuais ou políticas. Tal como destaca o organizador da obra, já na introdução,

En las sociedades contemporáneas, los límites, los márgenes y las fronteras han perdido definición y han sufrido un proceso de indeterminación, de confusión o de hibridación, aunque, eso sí, de una manera compleja, contradictoria y no vacía de paradojas, pues, simultáneamente, se han visto reforzados o disueltos (CÁRCEL, 2020, p. 7).

Para Cárcel (2020, p. 8), esta obra pretende ser um fórum de análise, reflexão e conhecimento sobre o que significa a confluência assistemática, caótica e não racional de margens e fronteiras, atualmente mais turva do que nunca. Trata-se, portanto, de definir os limites e as possibilidades do nosso tempo, mas também as incertezas e os riscos que ameaçam o futuro. Entre eles, destaca-se o perigo representado pela confusão contemporânea do interior com o exterior, do privado com o público, do risco com a segurança, do normativo com o marginal, uma das raízes da possível deterioração de nossas democracias e da consequente entronização de regimes políticos populistas e autoritários.

Na primeira seção, intitulada *Teorías sociológicas sobre la indeterminación de fronteras y márgenes*, formada por seis capítulos, o conceito de fronteira é teoricamente revisto, bem como a gênese de sua configuração e seu atual desvanecimento. Abrem esta seção Andrés Davila Legerén e Vicente Huici Urmeneta com o capítulo “Metafiguras de la frontera: frente, fronda y frunce (una aproximación socio-genética)”, apresentando discussões acerca das origens e dos significados da noção de fronteira e como esta passa a ser encarada com o advento da internet e das tecnologias de

CÁRCEL, Juan A. Roche (editor). *Las sociedades difusas: La construcción/deconstrucción sociocultural de fronteras y márgenes*. 336p. Barcelona: Anthropos Editorial; 1ª edição, 2021. | Carla Michele Rech, Ana Paula Ferreira D'Avila, Arielson Teixeira do Carmo & Pedro Marchioro comunicação e informação, principalmente com o desenvolvimento do termo *avatar e ciberespaço*.

Segundo os autores, a noção de fronteira sempre esteve relacionada à ideia de limites territoriais, proteção dos Estados-nação etc. Contudo, com a globalização e o desenvolvimento tecnológico, fronteira já não significa apenas uma demarcação estanque de comunidades ou Estados em busca de soberania territorial, ao contrário, as fronteiras envolvem um conjunto de práticas e interações de redes de interdependência que desenvolvem diversos componentes de identidade social, transações políticas, econômicas e culturais. Os autores destacam ainda que esses elementos também podem ser vistos simbolicamente no ciberespaço pelas interações dos membros em comunidades, redes sociais e *sites* na rede mundial de computadores. As fronteiras na era digital deixam de ser fixas e passam a ser fluidas, porosas e assumem outras dimensões tanto temporais, simbólicas, quanto materiais e subjetivas.

No segundo capítulo, “La génesis social de los esquemas clasificatorios: hegemonía cognitiva y poder social”, Maya Aguiluz-Ibargüen e Josetxo Beriain procuram revelar os processos interpretativos implicados na construção social do que chamam de hegemonia cognitiva e, coextensivamente, esquemas de classificação do social, como, por exemplo, entre sagrado e profano, normal e patológico, entre outros. Além disso, analisam e demonstram como esses marcos construídos socialmente geram um processo de assimetria cognitiva, semiótica e de poder político dentro de distinções diretrizes como homossexual/heterossexual, oriente/ocidente, de cor/branco, descapacitado/ fisicamente/capaz etc., que se localizam dentro dos esquemas classificatórios das sociedades modernas. Concluem apontando que, mesmo ocultos, esses esquemas acabam por governar e organizar historicamente nossa experiência em sociedade, marcando os sujeitos, suas formas de interpretação e suas existências.

Em “Rutas de trascendencia en mapas de secularidad”, o terceiro capítulo, Celso Sánchez argumenta que o advento da modernidade realocou a transcendência da sociedade, no limite, produzindo sua negação. Depois da Segunda Guerra Mundial, a religião e a racionalidade convivem numa “era

CÁRCEL, Juan A. Roche (editor). *Las sociedades difusas: La construcción/deconstrucción sociocultural de fronteras y márgenes*. 336p. Barcelona: Anthropos Editorial; 1ª edição, 2021. | Carla Michele Rech, Ana Paula Ferreira D'Avila, Arielson Teixeira do Carmo & Pedro Marchioro

secular” e a transcendência persiste através da cultura. O autor elabora a análise desse deslocamento através de “mapas da secularidade”, com enfoque na cultura, os quais possibilitariam o reencontro com a transcendência em diversas escalas (pequena, intermediária e grande transcendência). A transcendência é o mecanismo de compensação diante das fraturas da identidade e da insegurança social. Nesse sentido, a vida social passou a carregar os elementos transcendentais em si.

No quarto capítulo “Por una sociología (de lo) imposible” José A. Bergua propõe uma reflexão crítica sobre a elaboração de uma consciência da sociedade. Para tanto, aborda a sociedade como autopoiesis, como um sistema cibernético que se autorreproduz (autoinstituição) com base em um ponto fixo externo e que produz a compensação de suas tensões internas. Por isso, a sociedade é tratada a partir da compreensão da atividade social em três níveis – a saber: a realidade, o pensamento e a ação – como instâncias que propiciam o entendimento do instituinte e a produção do instituído como impossível. Da união dos três níveis (realidade, pensamento e ação), é possível ter consciência da interpenetração entre o instituído e o instituinte. Ao fazê-lo, o autor explica as formas de exclusão no Ocidente e sinaliza para a necessidade de assumir isso, cabendo à Sociologia dedicar-se ao reconhecimento e estudo de suas causas e consequências produzidas no sistema social.

Em “El paradero de la normatividad en un mundo descentrado: ¿qué fue del «mal de infinito» durkheimiano?”, penúltimo capítulo da seção, Ángel Enrique Carretero Pasín critica a abordagem de Durkheim sobre a busca por um novo centro gerador de normatividade, que proporcionasse a coesão social na modernidade. Pasín também critica Habermas, na mesma linha de Durkheim, ao considerar que a sociedade poderia ser harmonizada com a unidade do centro normativo baseada no acordo comunicativo. Para Pasín, o próprio mundo da vida foi colonizado pelos outros sistemas. O autor se baseia na teoria dos sistemas de Luhmann para argumentar que, na modernidade tardia em que vivemos, há vários centros heterogêneos que se diferenciaram e se autonomizaram. Cada esfera – seja política, econômica, jurídica, entre outras – possui sua própria lógica autorreferenciada com sua respectiva gramática social dicotômica. Dessa forma, a estabilidade da sociedade não

CÁRCEL, Juan A. Roche (editor). *Las sociedades difusas: La construcción/deconstrucción sociocultural de fronteras y márgenes*. 336p. Barcelona: Anthropos Editorial; 1ª edição, 2021. | Carla Michele Rech, Ana Paula Ferreira D'Avila, Arielson Teixeira do Carmo & Pedro Marchioro passa por uma única diretriz normativa, já que a função da moral foi deslocada para a periferia do sistema social, coexistindo com os demais subsistemas, os quais só têm em comum o caráter de contingência. A partir dessa reacomodação funcional, os códigos morais tornaram-se plurais e heterogêneos.

Encerra a primeira seção Fernando Aguiar, com o capítulo “Fronteras nacionales: ¿la democracia contra la justicia?”, abordando como os países vizinhos e parte dos países da União Europeia reagiram frente à crise Síria e ao contingente de refugiados emigrantes que têm sido ou não acolhidos pelos diferentes países. Com base nos dados obtidos, o autor pôde comprovar, para o caso dos refugiados sírios, que alguns dos países mais humanitários como Egito, Iraque e Turquia não são democracias, diferentemente dos menos humanitários como Grécia, Itália e Polônia que, sim, o são. Isso lhe permite concluir que justiça global e democracia não andam de mãos dadas, senão que, em muitas ocasiões, a democracia é um freio para a justiça, questão central do seu capítulo. No decorrer do capítulo, Aguiar aponta as contradições entre justiça e democracia, assinalando que mesmo em democracias diretas ou mais participativas o problema da exclusão persiste. Segundo o autor, para superar essa contradição, seria necessário um processo de educação que alterasse as preferências das pessoas e evitasse o surgimento de exrecências xenófobas e intolerantes. Além disso, seria necessária uma mudança estrutural, de ordem política e econômica e que os países mais ricos, por sua vez, apoiassem economicamente os países mais pobres.

A segunda seção, *Los actores sociales en la construcción/deconstrucción sociocultural de fronteras y márgenes*, é dedicada justamente aos atores sociais implicados nesse processo. Inma Pastor Gosálbez e Marta Calvo Merino abrem a seção com o capítulo “La neobiologización del género: ¿desmontando la frontera entre los sexos?”, realizando um apanhado teórico e crítico sobre os estudos de gênero e de identidade e sobre como o gênero e as concepções de feminino e masculino pautadas no binarismo têm sido tratadas pela neurociência. Para tais argumentações, as autoras dialogam com a sociologia e antropologia, demonstrando a importância dos estudos feministas e de gênero para se

CÁRCEL, Juan A. Roche (editor). *Las sociedades difusas: La construcción/deconstrucción sociocultural de fronteras y márgenes*. 336p. Barcelona: Anthropos Editorial; 1ª edição, 2021. | Carla Michele Rech, Ana Paula Ferreira D'Avila, Arielson Teixeira do Carmo & Pedro Marchioro pensar as abordagens com que os neurocientistas vêm tratando tais questões. Segundo as autoras, os estudos sobre o gênero por uma parte dos neurocientistas ainda são pautados pelo discurso científico biológico nas noções do binarismo de gênero para explicar o funcionamento/comportamento cerebral de homens e mulheres, ou seja, que homens desenvolveriam certas aptidões por serem homens (atributos relacionados a masculinidades) e as mulheres outras pelo fato de serem mulheres (características como sensibilidade, feminilidade, delicadeza etc.). Para as autoras, apesar de alguns neurocientistas terem avançados na tentativa de superar tais discursos científicos, ainda existe muito a ser feito para combater tais visões que ainda insistem em ser pautas das agendas científicas da neurociência. Esse discurso perpetrado e naturalizado ao longo do tempo é usado como mecanismos de justificação e legitimação das desigualdades entre homens e mulheres e precisa ser revisto.

Em seguida, em “El hombre des-lindado. del dualismo cartesiano a la teoría queer”, J. Javier Moreno Sánchez apresenta reflexões acerca da construção e desconstrução das margens do *self*, das fronteiras entre identidade individual e coletiva e, também, no que diz respeito a gênero e sexualidade. Tais discussões se propõem a partir do indivíduo cartesiano iluminista de Descartes, passando pelo sujeito pós-moderno e à teoria *queer*. Segundo Sánchez, o dualismo cartesiano é o marco da fronteira dentro do indivíduo com nuances metafísicas, e o divide em duas partes constitutivas de um eu único e essencial. Esse sujeito iluminista pensado por Descartes se baseia na concepção do ser humano como indivíduo unificado, dotado de capacidades de razão, consciência e ação. Contudo, com o surgimento dos estudos pós-coloniais, pós-estruturalistas e *queer*, outro sujeito entra em cena, um indivíduo descentralizado, fluido, mutável, nômade, não estereotipado, líquido etc., colocando em xeque o binarismo de gênero/sexualidade heteropatriarcal, à medida que questionam as concepções de masculino e feminino e apresentam o que se conhece hoje como sociedade/modernidade líquida.

Em “Vivir el espacio y tiempo globales: reflexiones en torno a las subculturas de los mochileros y los expatriados corporativos”, Antonio Martín-

CÁRCEL, Juan A. Roche (editor). *Las sociedades difusas: La construcción/deconstrucción sociocultural de fronteras y márgenes*. 336p. Barcelona: Anthropos Editorial; 1ª edição, 2021. | Carla Michele Rech, Ana Paula Ferreira D'Avila, Arielson Teixeira do Carmo & Pedro Marchioro

Cabello analisa dois coletivos que representam o crescente grupo que emerge das possibilidades criadas pela globalização. Os primeiros são caracterizados como adolescentes e jovens adultos de ambos os sexos, provindos de lugares variados do Ocidente e pertencentes às classes médias. São guiados por valores críticos e mesmo contraculturais que se refletem em um itinerário viajante regido pela autenticidade das localidades globais que escapam dos roteiros turísticos tradicionais – aqueles fixados, por exemplo, pelas agências de viagens. Sua identidade se produz na confrontação direta com o proposto pelo mercado turístico: rejeitam os roteiros, negam o conforto, a comodidade dos hotéis luxuosos e a previsibilidade dos destinos como bloqueios do espírito de aventura. Preferem os hostels e barracas, os meios de transporte públicos e comuns e os pratos populares. Mesmo assim, salienta o autor, esses jovens mochileiros de classe média acabam se baseando nas mesmas cartilhas desenhadas pelas agências de viagem e pelo mercado de turismo, e, por não encontrarem nos cotidianos locais os signos universais de comunicação (o inglês como língua, por exemplo), acabam interagindo mais entre si e com os guias turísticos do que com a comunidade nativa. Como viventes do ócio, os mochileiros aproveitam intervalos longos em suas trajetórias de vida (entre a universidade e o mercado de trabalho, por exemplo) para lançar-se à aventura. Meses ou poucos anos depois, eles retornam sempre, e de forma prevista, à normalidade.

A outra categoria analisada por Cabello é a dos expatriados corporativos. Ocupantes de altos cargos em empresas multinacionais, são em geral homens adultos que podem permanecer um tempo relativamente longo (em comparação com os mochileiros) no exterior, buscando com essa experiência otimizar as chances de promoção na carreira, familiarizar-se com sua estrutura transnacional, adquirir capital cultural para si e para a família que o acompanha, e elevar os níveis salariais. Apesar de não configurar uma nova classe de trabalhadores, os expatriados corporativos também delineiam uma subcultura uma vez que vivenciam redes simbólicas de transação de elementos comuns e universais, apesar do descolamento geográfico. Nesse sentido, seus deslocamentos podem significar uma suspensão aliviadora das tensões da própria cultura. Como conclusão, o autor destaca que essas duas

CÁRCEL, Juan A. Roche (editor). Las sociedades difusas: La construcción/deconstrucción sociocultural de fronteras y márgenes. 336p. Barcelona: Anthropos Editorial; 1ª edição, 2021. | Carla Michele Rech, Ana Paula Ferreira D'Avila, Arielson Teixeira do Carmo & Pedro Marchioro categorias são devedoras da globalização como condição para seu surgimento, e que, a despeito de suas particularidades, podem apresentar semelhanças e continuidades, tais como o inglês como língua comum, o pertencimento de classe, as redes transnacionais que mobilizam, e os refúgios simbólicos de que se utilizam como componentes de suas subculturas.

No capítulo seguinte, “El sentido y el sentir de la frontera: el hostigamiento securitario hacia la subjetividad migrante”, Ignacio Mendiola faz uma série de ponderações acerca do que vem a ser a fronteira na contemporaneidade, para além de suas dimensões espaciais-geográficas correspondentes ao Estado-nação e às políticas de contenção de entrada de migrantes. O autor identifica a necessidade de uma nova conceituação à luz dos problemas contemporâneos, da evolução do poder de identificação e seleção dos corpos imigrantes aptos a serem assimilados no espaço interior relativo à fronteira. Para tanto, propõe uma geografia crítica, compreendida como uma *topologia* que integre o problema espacial à problemática simbólica, isto é, como um dispositivo de poder que produz, a um só tempo, uma configuração espacial e subjetiva, um mecanismo performativo que enseje formas de pensar, de ser e se relacionar. É sobre essa geografia política subjacente às fronteiras que o autor se interroga, retomando a questão teórico-política da relação com o outro: a simples existência da fronteira pressupõe sempre a espera permanente pela chegada do outro.

Nesse sentido, para Mendiola, a fronteira compreende um espaço complexo que cerceia ao mesmo tempo que assegura uma conexão mediante um sofisticado sistema de permissões e proibições, cujos critérios operam de forma diferencial e específica. Desse modo, o autor detecta uma ambiguidade fundamental e necessária das fronteiras, assente na necessidade de negar o outro ao mesmo tempo que o assimila porque o necessita para o seu funcionamento e como razão de sua própria existência. Uma lógica análoga ao sistema imunológico do organismo que assimila aquilo que precisa negar, e, portanto, que extrapola a dicotomia dentro-fora como marcador das fronteiras nacionais. Por fim, o autor salienta que as novas fronteiras não estáticas se manifestam como dispositivos de captura política-técnica-sensorial que investe sobre os corpos e suas sensações com o fim de assegurar o

CÁRCEL, Juan A. Roche (editor). Las sociedades difusas: La construcción/deconstrucción sociocultural de fronteras y márgenes. 336p. Barcelona: Anthropos Editorial; 1ª edição, 2021. | Carla Michele Rech, Ana Paula Ferreira D'Avila, Arielson Teixeira do Carmo & Pedro Marchioro ajustamento aos espaços de maneira adequada e econômica, isto é, com uma dose suficiente de medo para incutir nos imigrantes disciplina e docilidade, mas sem que isso evolua para o pânico e o desespero disfuncional.

Em “Tu borde, mi borde. ¿Dónde está el otro, hoy?: una mirada desde la Marcha Hondureña”, Adrián Scribano procura repensar a ideia de borda, de outro/Outro e as políticas de sensibilidades a isso associadas, a partir de indagações feitas sobre a Marcha dos Hondurenhos para os Estados Unidos em 2018, utilizando o WhatsApp como um instrumento de observação e intercâmbio, uma estratégia metodológica para uma observação itinerante. Tomando essa caravana como um exemplo da emergência de uma forma diferente de “outro” que aparece no planeta, cujo fenômeno as atuais migrações assinalam claramente, Scribano acaba por propor a redefinição da noção de próximo como um objeto sociológico sempre urgente e como oportunidade para pensar a esperança.

Segundo sua perspectiva, os limites, as margens e as bordas operam sensibilidades que tornam possível a ativação dos componentes das sensibilidades sociais que produzem políticas dos corpos e das emoções. Acompanhando a marcha, foi possível verificar políticas de sensibilidades construídas com marcas geopolíticas das emoções e geocultura da hospitalidade e também da rejeição. Mas, para além do ódio manifestado, as ações de apoio e ajuda com alimentação e pernoite durante a passagem da caravana pelos lugares foi, para o autor, uma ação que antecipa o futuro e que implica um ato de esperança.

Segue-se a esse o capítulo “Quo Vadis: un ejército de fantasmas en la noche. Un recorrido por los márgenes y las fronteras de los cirujas en la Argentina”, em que Francisco Sempere Ruiz analisa o fenômeno da coleta informal de resíduos urbanos nesse país, iniciando o capítulo com uma breve revisão histórica sobre este fenômeno que tem uma longa trajetória, mas que foi impulsionado em 2001, em virtude da pior crise da história argentina. Esta crise acabou, por um lado, agravando a pobreza e a falta de emprego e renda, e, por outro, provocou a diminuição da importação de plástico, vidro e papel. Houve, a partir de então, uma proliferação dos atores sociais envolvidos no processo de coleta de resíduos, *los cartoneros* e *los cirujas*, oriundos das ondas

CÁRCEL, Juan A. Roche (editor). *Las sociedades difusas: La construcción/deconstrucción sociocultural de fronteras y márgenes*. 336p. Barcelona: Anthropos Editorial; 1ª edição, 2021. | Carla Michele Rech, Ana Paula Ferreira D'Avila, Arielson Teixeira do Carmo & Pedro Marchioro migratórias de meados e finais do século XIX. Ruiz destaca as transformações ocorridas historicamente, desde a ilegalidade inicial até a inclusão dessa atividade e reconhecimento legal como recuperadores urbanos, assim como a diferença entre os itinerários e jornadas dos *cartoneros*, que variam conforme os meios que estes possuem para transitar dos bairros mais periféricos onde moram até os bairros de classes média e alta de onde é possível coletar materiais com certo valor.

O autor destaca, também, os sentimentos em relação à profissão, de orgulho para uns e vergonha para outros, que variam, segundo o autor, conforme o gênero e a geração. Ruiz finaliza destacando que, apesar do grande número de pessoas envolvidas, *los cirujas* formam um exército de fantasmas que desfilam cada noite desde as margens até o centro das cidades e que não são bem-vindos nem desejados, produzindo-se um obscurecimento dos limites que passam a ser subjetivos e difusos, híbridos e indefinidos.

Encerram a segunda seção outros dois capítulos: “La caridad y la terapia. Representaciones sociales de las personas sin hogar y derecho a la ciudad” e “En tránsito por la frontera turca. Análisis sociológico de las obras del fotoperiodista Kemal Vural Tarlan sobre los refugiados sirios”. No primeiro deles, Juan M. Agulles Martos demonstra como a representação da questão social influencia as políticas habitacionais. Na Espanha, a construção da representação social das pessoas em situação de rua diz respeito, por um lado, ao diagnóstico psicopatológico (psiquiatria e psicologia social). Por outro lado, a abordagem sociológica compôs esse quadro com elementos importantes, como o desemprego. Entretanto, o efeito de ambas as abordagens foi duplo: as políticas direcionadas para a inserção se voltaram para medidas terapêuticas (serviços sociais, caridade, entre outras) e a população em situação de rua foi tratada como incapaz de se adaptar ao mercado da habitação. A construção da representação das pessoas sem moradia como responsáveis pela própria pobreza enfatiza variáveis individuais como a base do problema, isto é, morar na rua é o atestado que legitima a ordem social construída. Contudo, o autor chama a atenção para a isenção do Estado e das políticas públicas de habitação e para o efeito decorrente, qual seja, a

CÁRCEL, Juan A. Roche (editor). *Las sociedades difusas: La construcción/deconstrucción sociocultural de fronteras y márgenes*. 336p. Barcelona: Anthropos Editorial; 1ª edição, 2021. | Carla Michele Rech, Ana Paula Ferreira D'Avila, Arielson Teixeira do Carmo & Pedro Marchioro
legitimação da relação de dominação que favorece a atuação do mercado imobiliário.

Já no último capítulo da seção, Juan A. Roche Cárcel analisa os trabalhos de Kemal, particularmente os das exposições *Left overs* e *Síria em trânsito*. A primeira, de 2012, traz fotografias que documentam pessoas, coisas e espaços ao longo da fronteira da Turquia com a Síria, assim como da Jordânia, Líbano e França. Já a segunda, de 2013-2014, conta com fotografias, vídeo, áudio e objetos físicos sobre as viagens dos refugiados sírios desde a Turquia até vários países europeus. As exposições de Kemal oferecem, para uma análise sociológica, uma imagem poderosa da situação pela qual passaram os refugiados sírios ao atravessar a fronteira turca e instalar-se provisoriamente em campos de refugiados, convertendo-se em documentos sociais que revelam o que está fora da vista e da consciência pública. Através da análise qualitativa de conteúdo, Cárcel procurou exemplificar como a excepcionalidade dessas pessoas em trânsito constrói e desconstrói, ao mesmo tempo, este limite entre dois países.

Após apresentar detalhadamente suas bases teóricas, conceituais e metodológicas para a análise iconológica empreendida e o enquadramento dado pelo fotógrafo, o autor recupera o contexto dos deslocados sírios na fronteira turca, país que se converteu no segundo receptor mais importante de refugiados sírios, visto sua proximidade com o país. Em seguida, o autor descreve as 18 fotografias selecionadas e analisa o que essas imagens, os lugares e os objetos presentes, as expressões humanas, as cenas e a forma como são feitos os enquadramentos pelo fotógrafo, especialmente sobre as mulheres, manifestam/informam sobre seu trânsito, o estado de ânimo, as emoções envolvidas e a fluidez de uma fronteira recriada e desconstruída, transformando a fronteira turco-síria em um território transnacional que se converteu em mais um exemplo da dificuldade de escapar aos efeitos da globalização.

A terceira e última seção *Los contextos socioculturales en la construcción/deconstrucción de fronteras y márgenes* está centrada nos contextos que constroem e destroem as margens e as fronteiras. Abre a seção o capítulo “Neocomunidades, espacios urbanos e sus fronteras: nuevas formas

CÁRCEL, Juan A. Roche (editor). *Las sociedades difusas: La construcción/deconstrucción sociocultural de fronteras y márgenes*. 336p. Barcelona: Anthropos Editorial; 1ª edição, 2021. | Carla Michele Rech, Ana Paula Ferreira D'Avila, Arielson Teixeira do Carmo & Pedro Marchioro

“sociedades de la complejidad como retos analíticos”, no qual Ángel Belzunegui-Eraso retoma a dicotomia indivíduo-sociedade para pontuar que as marcas de segregação ou demarcação territoriais no espaço urbano resultam de um processo cumulativo de separação entre esses entes – o indivíduo se distanciando reflexivamente da sociedade em função das “(des)filiações ocasionais ou eletivas”, isto é, da carga crescente de crítica que os indivíduos têm assumido sobre os princípios normativos que regem a hierarquização e a configuração social em que projetam suas ações. Nesse sentido, para o autor, os enclaves étnicos, a guetização e demais segregações que são pressupostas nos discursos das ciências sociais devem ser revisados em sua tendência de apontar no espaço urbano diferenças grosseiras, como bairros “difíceis” ou populares, e outros de classe média ou residencial, bairros “chiques” de classe alta etc. Para ele, há que se afinar essas diferenciações, aproximar o foco de análise: assim se verá diferenças pormenorizadas e mesmo linhas que se movem, uma vez que esses agentes respondem a certos estímulos tênues e singulares como os modos de representação ou estigmatização que recaem sobre sua área, os estilos de vida dispostos no horizonte da vizinhança e do cotidiano, as estruturas de inclusão dos filhos etc.

A “cartografia social da cidade” é, em grande parte, resultado do crescimento das zonas delimitadas no plano territorial, alimentadas pelas correntes migratórias e suas eleições residenciais aleatórias. Nesse sentido, as novas dinâmicas sociais urbanas se assentam sobre a diversidade, a presença da alteridade e a complexidade social, e apresentam novas necessidades sociais assim como novos desafios à integração, a qual os indivíduos, também complexificados, devem confrontar para estabelecer vínculos e atualizá-los segundo seus distintos interesses. Assim, as neocomunidades se caracterizam pela incerteza social, a atomização e a dispersão das condutas individuais, assim como a sobreposição intraindividual de identidades, isto é, a multiplicidade de posições e papéis sociais que os mesmos indivíduos vêm a assumir, a depender de seus intercursos cotidianos. As neocomunidades não significam o fim ou a decadência geral do comum e do comunitário, senão a transformação da comunidade mesma em um espaço em que se inscreve uma maior diversidade e uma dilatação das individualidades.

Segue o capítulo “Fronteras, límites, movilidad y dinámicas urbanas. Aportes para el estudio de espacios fronterizos en América Latina” de Laura Tarabella e Javier Gómez. Nele, a partir de debates teóricos sobre a noção de fronteiras desenvolvidos pela Geografia na América Latina, os autores buscam apresentar os estudos que envolvem os espaços de fronteira no contexto latino-americano. Além de apresentarem a noção de limite e fronteira na visão geográfica, os autores trazem discussões de dados empíricos e conceituais sobre a crescente urbanização das áreas de fronteira e, também, sobre a dinâmica da mobilidade urbana nessas zonas fronteiriças. De acordo com os autores, as fronteiras estão para além de ser apenas um espaço de demarcação de limite territorial, divisão de Estados ou conquistas. As regiões de fronteiras, ao estabelecerem relações com as cidades vizinhas, formam sistemas urbanos que apresentam complementaridade interurbana, ou seja, as zonas de fronteira são marcadas pelo intenso fluxo de capital, bens e pessoas. As cidades são encontradas em ambos os lados e demarcadas por relações assimétricas. Visto que as fronteiras estão sendo cruzadas por fenômenos urbanos, os autores chamam atenção para a necessidade de ver as cidades que ficam em regiões de fronteiras de forma mais ampla, levando em consideração os aspectos demográficos, econômicos, simbólicos, político e social etc.

Na visão dos autores, concebida como um produto social, a fronteira é uma entidade duradoura de imagens, peculiaridade, objetos e símbolos de tempos diferentes. As zonas de fronteira se apresentam com espacialidade e temporalidades singulares, o que confere à fronteira um caráter híbrido.

Em o “El racismo como frontera en América Latina: mirada histórica de su génesis y permanencia” Carina Giletta, partindo da reflexão de que as fronteiras e os limites que estabelecem os Estados nacionais significam separar e controlar, a autora apresenta discussões desenvolvidas na América Latina sobre as práticas de exclusão, discriminação e desigualdades a partir das noções de raça e racismo. A autora demonstra como se consolidou o racismo científico na América Latina e o modo como esse se perpetua, a partir de um debate teórico com diversos autores e dados empíricos acerca das questões raciais latino-americanas. Giletta aponta que o racismo e o

CÁRCEL, Juan A. Roche (editor). *Las sociedades difusas: La construcción/deconstrucción sociocultural de fronteras y márgenes*. 336p. Barcelona: Anthropos Editorial; 1ª edição, 2021. | Carla Michele Rech, Ana Paula Ferreira D'Avila, Arielson Teixeira do Carmo & Pedro Marchioro

racismo na América Latina se consolidam a partir do avanço político das ideologias de direita, de posturas sociais conservadoras e neoliberais na esfera político-econômica. Para a autora, o racismo, na América Latina, foi fortalecido pela existência de raças e preeminência de uma sobre as outras; a continuidade entre o físico, o moral e a determinação da biologia sobre a cultura; a ação do grupo sobre o indivíduo; hierarquia de valores única e etnocêntrica.

Encerram a última seção dois outros capítulos: “El limbo “territorial” de la discapacidad: una difusa frontera entre la normativa y la experiencia real” e “Transformaciones en las fronteras socio-biomédicas: análisis teórico sobre las enfermedades raras”. No primeiro deles, Miguel A.V. Ferreira investiga as condições de estabelecimento das fronteiras entre os corpos considerados normais e aqueles tidos como anormais, incapazes, deficientes. Problematizando a classificação objetiva dos corpos, o autor propõe que as condições para que essa fronteira fosse prontamente identificada na objetividade, estariam inscritas nas subjetividades e teriam se gestado por meio de um regime de forças condizentes com a construção dos espaços de saberes que estruturaram a sociedade moderna e se sedimentam nos corpos, a saber: a medicina como detentora do discurso sobre o saudável e o não saudável, funcional e disfuncional; a economia capitalista requerente de corpos eficientes e rentáveis; e a estética como expressão política de manipulação da visibilidade e experiência sensível desses atributos corporificados. A problematização das fronteiras que organizam os corpos pelo signo do normal e do anormal, do eficiente e deficiente, é feita pelo procedimento simples, porém potente de relativização dessas noções no tempo e espaço: o que hoje é deficiência antes não o era, ou era o seu contrário, e assim por diante.

Nesse processo, o autor rompe inclusive com a dicotomia inclusão-exclusão a partir da identificação de uma diferença: na idade média aquele que não estava apto a desenvolver um bom trabalho no campo, era deslocado para uma tarefa alternativa, doméstica por exemplo. É na modernidade que se dá o surgimento do sujeito individual, categoria abstrata de reunião de direitos e deveres políticos, e que insinua, em realidade, um corpo classificado

CÁRCEL, Juan A. Roche (editor). *Las sociedades difusas: La construcción/deconstrucción sociocultural de fronteras y márgenes*. 336p. Barcelona: Anthropos Editorial; 1ª edição, 2021. | Carla Michele Rech, Ana Paula Ferreira D'Avila, Arielson Teixeira do Carmo & Pedro Marchioro segundo sua funcionalidade para poder exercer alguma atividade específica, “útil” para a economia capitalista. É nesse período que aparecem os não capacitados ou deficientes como sujeitos que não se encaixam nos discursos econômicos e políticos, ficando com isso sujeitos à exclusão, como inaptos permanentes. Mas, para responder à pergunta de Foucault sobre o que fazemos com esses corpos incapazes, Ferreira recorre a Bourdieu e ao conceito de campo social, apontando que aos descapacitados restam alternativas nos campos em que as regras se relativizam, onde não se opera tão drasticamente a fronteira entre saúde e enfermidade. Como conclusão, o autor propõe um movimento emancipatório que, em lugar de reclamar o direito fictício da independência formal do “anormal” ou descapacitado, reclamasse um reconhecimento do corpo substantivo, ancorado em suas capacidades e eficiências específicas, a margem para além da redução econômica e estética.

Por último, Juan R. Coca e Juan Antonio Rodríguez Sánchez, no capítulo “Transformaciones en las fronteras socio-biomédicas: análisis teórico sobre las enfermedades raras” analisam o deslocamento da fronteira biomédica a partir do avanço do conhecimento tecnocientífico. O biomédico não é mais a única autoridade com poder normativo para reconhecer as doenças raras, pois as associações de enfermidades raras desempenham um duplo papel seja ao conferir mais autonomia à pessoa em relação à própria doença, seja na construção da identidade biossocial. A enfermidade rara estrutura a identidade, delimitando o sentido de si e da própria vida, de forma que as fronteiras entre o social e o biológico são dissolvidas, ou se tornam mais fluidas porque a doença envolve dimensões psíquicas, sociais, culturais, econômicas e políticas que superam a visão da medicina. Trata-se da ampliação da compreensão sobre o ser humano, bem como sobre os efeitos sobre as pessoas enfermas e seus familiares.

Com isso, conclui-se um livro que amplia as possibilidades de discussões envolvendo as noções de fronteira, ao mesmo tempo que desloca o leitor e o convida para outras formas de ver e interpretar a complexidade desses fenômenos contemporâneos, tão amplamente apresentados e refletidos nesta vasta obra, leitura indispensável nos momentos atuais.